Felipe Correa

Soleil Levant

Soleil Levant

Felipe Correa

Prefácio

Nada de novo debaixo do sol...

"Quem não é autor dramático em nossos dias? ", escreviam os jornais franceses do século XIX. A ânsia por fazer parte da revolução por meio daquele que era considerado o mais perigoso meio de comunicação, mais do que a imprensa, fez com que sobreviesse ao teatro uma onda de obras de ocasião, apressadas, carentes de rigor psicológico. Não se pensava em arte dramática. O teatro era uma tribuna. As pessoas iam para levantar bandeiras, debater, e cantar em coro os ideais dos partidos que defendiam. O que poderia ser mais importante do que a revolução?

Aquele público afetado e distraído que ia ao teatro para se exibir foi tomado pelos ideais nacionalistas de um público por paixão política. E no palco. No palco temos Nancy, a voz que clama no deserto do teatro por uma reinvenção. Uma reinvenção que dê mais vida ao personagem, à cena.

Quando as vanguardas artísticas desabrocham na França, principalmente nos últimos anos do século XIX, o teatro começa a viver intensas experiências com as questões políticas e sociais. As ideias de Rousseau, Diderot, Robespierre ofereceram ao teatro um novo repertório, e os assentos ocupados por um público aristocrata agora são ocupados por revolucionários. Assim, num período onde o teatro se equivalia a um comício, insistir em apresentar *A dama das camélias* ou era uma afronta declarada aos ideais franceses ou uma ingenuidade tola.

Soleil Levant, segunda parte da trilogia *Post Mortem* de Felipe Correa, é um interessante e bem-humorado passeio por um período de extrema importância na história do teatro. A atmosfera mórbida do primeiro volume de sua obra dá lugar a um tom irônico e satírico. As informações que subjazem os acontecimentos e personagens elencados por Correa soam como *easter eggs*, que não comprometem a leitura de quem não os encontra, mas enche de prazer quando são achados. Se me permitem citar alguns, temos, por exemplo o Teatro Lumière, "um monumento que carrega a essência fina e elegante de Paris". Tal monumento não poderia ser mais zombador ao insurreto espírito francês, que buscava a qualquer custo romper com a superstição e a pompa absolutista. Uma referência clara, debochada, ao Théâtre Français, um

edifício nacional cuja decoração, por decreto de lei, deveria remeter aos atributos das liberdades do povo, não da fama ostentosa.

São tiradas saborosas que Felipe Correa nos apresenta nesta peça quase que didática. Perdoem-me o utilitarismo, mas uma obra extremamente cabível para aqueles que desejam aprender e ensinar sobre o teatro e sua história.

Temos então, por mais uma vez, Nancy. Da criadagem da casa dos Clifford em Birmingham à ribalta em Paris, a personagem troca os sonhos juvenis por uma questão existencial: ela quer fazer algo mais por ela e por uma arte que não se recicla. Seriam os ecos da revolução em Nancy? Talvez seja esse o motivo da tensão entre a atriz e o jovem jornalista e agitador Etiènne Blanc.

Não esqueçamos de Phill, marido e produtor de Nancy, aquele que registrou os últimos momentos dos Clifford. Phill, encontra-se ameaçado por Etiènne, pois o jornalista tem a resposta para a pergunta que ele faz para Nancy no início da peça: “Nós, os artistas, temos algo para dar em troca? ”

É admirável a forma como Felipe Correa organiza seu discurso em deixas tão simples. Tal pergunta foi feita por Antonin Artaud, um século mais tarde, ao pensar um teatro que se valesse e falasse apenas a sua própria linguagem. Que pudesse dar algo em troca.

Mas não é Artaud que ajuda Nancy a encontrar este algo, mas Vladimir Aleksiêiv, um diretor russo, que nos faz lembrar de um outro Aleksiêiv; **Constantin Stanislavsky**, que buscou uma revolução realista no interior e exterior da linguagem do teatro, que não abandonou a política, mas não a teve como exclusividade. O que o fez ser bastante mal interpretado por seus compatriotas artistas, como Tchekhov. Correa nos brinda com uma cena de humor fantástica em que Aleksiêiv fica entre as disputas amorosas de Phill e Etiènne. Ele subverte a figura do encenador russo para um espectador dos programas de casos de família. **Fantástico!**

Temos em *Soleil Levant* uma série de personagens muito bem caricaturados, como o capitalista Harvele, gordo e bigodudo, e o seu braço direito Antoine, magro e cansado. Frente ao panorama onde a peça está circunscrita, Harvele e Antoine se confundem, haja vista as pressões jacobinistas que o capitalista está sofrendo por todos os lados. São pistas fabulosas que o dramaturgo deixa em sua obra que oportuniza uma belíssima, tragicômica, diga-se passagem, montagem de sua peça.

E dos que sobreviveram à tragédia de Birmigham, temos mais um, o Dr. Botão, que agora escreve para o jornal *Liberal-Conservative.* Botão é o Fausto de Correa, que para ter a vida eterna faz um pacto não com o diabo, mas com a ironia. Ou quem sabe com a história. Ou talvez com o diabo mesmo...

O ponto é que Botão está sempre nas frestas, guardando um segredo, se antecipando. Tão sagaz quanto Mama, a cafetina que criou Nancy. Mama e Botão são aqueles personagens que torcemos para que se encontrem. O que não acontece, sinto dizer. O que me faz pensar que o diabo tem várias formas...

Soleil Levant. O sol se levanta. **E não há nada de novo embaixo do sol**. E depois da morte? Para uns, o fogo eterno. Para Nancy, a glória. A glória de pisar nos palcos de Paris, a cidade luz, de viver entre os intelectuais e os aplausos. Mas o brilho da conquista encobre algo, já nos disse o niilista.

O niilista também nos diz que existe uma espécie de força estranha que atravessa todo aquele que foge. Uma força que o faz avançar, querer mais do que pode, estar sempre um passo além da onde se está. E é isso que Nancy, a fugitiva, a niilista, quer. Mas o que ela deseja? Ela já não superou a própria Sarah Bernhardt? Nancy quer mais, muito mais. Nancy quer viver a glória do nada! E glória do nada é o prêmio do verdadeiro artista.

A arte está criando desertos em Nancy, "e ai daquele que encobre desertos! ", já dizia Zaratustra. Nancy anuncia, não o fim, mas o incêndio da modernidade. Nancy é o símbolo decadente da sociedade ocidental. A "grande atriz". Diva de um império em ruínas. Ouviu dizer que a própria Sarah Bernhardt estaria na plateia para ver a sua grande estreia no Teatro *Lumière*. Nancy é um duplo de Sarah, ela sabe disso. E conhecendo os passos de Sarah, que questionou a caduquice do cobiçado Comédie Française, sai em busca de uma arte mais profunda. A única maneira de Nancy não ser confundida com Sarah é esconder o seu deserto e permanecer. A ribalta e a plateia. Cai o pano. Sobra o nada. Nada de novo debaixo do sol. Nancy, a criada, vence.

Por mais uma vez Felipe Correa é celebrado pelo Prêmio Arthur Azevedo na categoria Peça Teatral. A 36º edição do concurso realizado pela Fundação Municipal de Cultura – FUNC, favorece, sobretudo, a nós, leitores de teatro. Só temos a agradecer. Boa leitura.

Eduardo Medeiros

Ator, professor de teatro e filosofia com ênfase nas áreas de Ética, Política e processos de criação e aprendizagem em Artes Cênicas.

Soleil Levant

Drama em Três Atos

Personagens:

Nancy – A atriz

Phill – O produtor

Harvele – O capitalista

Mama – A cafetina

Aleksiêiv – O encenador

Dr. Botão – O médico

Etiènne – O jornalista

Antoine – O gerente

Técnicos/ figurantes – Para a cena final**.**

(A Cena final pode ser feita pelos técnicos reais, estes como técnicos/figurantes. A ação da peça se desenvolve durante a década de 1870)

(Teatro Lumière – Paris – França)

Ato I

(Camarim de algum teatro alemão. Nancy, que acaba de sair de uma apresentação da Dama das Camélias. Ela retira a maquiagem diante do espelho. Sons de batidas na porta. Phill entra)

Phill – (dando-lhe o buquê) Para a estrela mais brilhante dos palcos da Europa!

Nancy – Se continuares a me bajular desse jeito eu acabo por me tornar uma atriz mimada.

Phill – Pois então vá se acostumando...

Nancy – O que achaste de hoje...? Não estava nos meus melhores dias!

Phill – (num sorriso) Ah, não? Tu tens a capacidade natural de surpreender o público a cada espetáculo!

(Nancy fica entristecida)

Phill – O que foi?

Nancy – Não sei... Já não me sinto tão realizada fazendo isso...

Phill – Tu falas sobre ser atriz?

Nancy – Não, não exatamente...

Phill – Então diga o que te perturbas.

Nancy – Tu não achas que poderíamos mudar o repertório, não sei... Talvez uma peça nova...

Phill – Por que isso?

Nancy – Porque não sinto mais vida em mim... Sinto como se estivesse atuando sempre da mesma forma, tal como esses teares mecânicos que sempre reptem, repetem, repetem...

Phill – Não entendo toda essa preocupação... Meu amor, tu tens sido um sucesso estrondoso... Alguns dizem que não há em toda a Europa uma atriz que interprete melhor a *Dama das Camélias*... Nem mesmo *Sarah Bernhardt*...

Nancy – Viu só? Sempre essa comparação. Eu não aguento mais ser comparada a *Sarah*, mesmo que eu venha a superá-la, ainda assim ficarei à sua margem... No meu túmulo escreverão: a atriz que superou a *Sarah Bernhardt*! E o nome dela estará lá grudado a mim como um carrapato!

Phill – (irritado) O que me diz diante disso? Jogar tudo para o alto? Acabar de vez com tua carreira?

Nancy – Não disse isso... Eu só queria fazer algo diferente!

Phill – Tu devias era levantar as mãos aos céus por ter recebido esse dom, poucos tem esse privilégio na vida.

Nancy – Eu não disse que abriria mão da minha carreira, não entende? O que eu quero dizer é que a arte dramática há muito que não se recicla...

Phill – (mais interessado) Como assim?

Nancy – Ora, veja os impressionistas, por exemplo, tudo o que eles precisaram fazer foi romper com o esteticismo acadêmico e criar algo novo...

Phill – (pensativo) Tu sabes que isso até que faz sentido...

Nancy – E faz, não estaria lhe dizendo isso se não fizesse... Eu sei que como meu empresário, tu tens o dever de me prevenir quanto aos riscos e...

Phill – Não te esqueças que sou teu marido e também um artista... Eu entendo as tuas reflexões, mas quando os impressionistas resolveram romper com a arte acadêmica, eles tinham algo em mente, algo a oferecer em substituição. A minha pergunta é: nós temos algo para dar em troca?

Nancy – Não, mas... **(pensativa)** tenho ouvido muito falar em um diretor russo que tem feito extensas pesquisas sobre a arte do ator...

Phill – Isso é sério? Quem?

Nancy – Vladimir Aleksiêiv!

Phill – Acho que já ouvir falar nesse nome.

Nancy – Sim, ele é muito conhecido na Rússia.

Phill – Será que ele aceitaria trabalhar conosco?

Nancy – Acho que devemos lhe escrever uma carta!

Phill – (animado) Sim, tens razão, é isso que eu vou fazer. Eu tenho outra notícia...

Nancy – (curiosa) O que?

Phill – Já fechei mais uma temporada...

Nancy – (exausta) Mas já? Onde?

Phill – Adivinha?

Nancy – (deduzindo) Não acredito!

Phill – (balança a cabeça confirmando) Paris! Quem me escreveu foi um capitalista de nome Harvele, há tempos que ele vinha construindo um edifício monumental o qual batizou de *Teatro Lumière*, que pretende ser o maior e mais luxuoso da Europa. Os jornais até chamam o homem de *Haussmann* do entretenimento!

Nancy – (mais disposta) Qual texto nós iremos montar? Tens algum autor em mente?

Phill – Para falar a verdade tenho sim...

Nancy – (curiosa) Quem?

Phill – *Henrik Ibsen!*

Nancy – (espantada) Minha nossa! Tu estarias disposto a arriscar?

Phill – A sociedade tem problemas com o Sr. Ibsen... E esse será nosso trunfo!

Nancy – Será que o Sr. Harvele vai concordar? E se ele...

Phill – (confiante) Vai, ah se vai... Eu não lhe darei escolha!

Nancy – Me dá medo só de pensar na reação do público depois.

Phill – Que reajam bem ou mal, mas que reajam... O resultado final é o que importa...

Nancy – Tu achas que conseguiremos...?

Phill – (Interrompendo-a) Com certeza, e sem dúvida faremos muito dinheiro!

(Mudança de plano. Palco do Teatro Lumière, Paris. Estão presentes Harvele, o capitalista gordo e de grandes bigodes e Antoine, seu esquálido e subserviente braço direito)

Harvele – (bastante empolgado) Eu não poderia ter recebido melhor notícia, Antoine!

Antoine – Pois é como eu lhe digo Sr. Harvele, o homem aceitou a sua proposta, o tal Phillips!

Harvele – Mas isso é ótimo, começaremos o negócio com o pé direito. Quando chegam?

Antoine – Disseram que tomariam o trem rumo à Paris assim que terminassem a turnê na Alemanha!

Harvele – Então à essa altura já devem estar a caminho!

Antoine – Ah, com toda a certeza!

Harvele – (olhando para o teatro) Veja só Antoine, não é uma beleza? Lindo e monumental! **(num tom propagandístico)** *Teatro Lumière*, um empreendimento que carrega a essência fina e elegante de Paris! Isso inspira um ardor patriótico.

Antoine – Ah, quase ia me esquecendo **(retira uma carta da algibeira e dá a Harvele)** chegou para o senhor hoje cedo!

Harvele – Uma carta? De quem?

Antoine – Leia o envelope!

Harvele – (lendo) *Comuna de Paris?* Este é... Aquele jornal operário?

Antoine – É o que parece.

Harvele – Mas o que aqueles pérfidos querem comigo?

Antoine – Não ouso abrir suas correspondências!

Harvele – (rasgando o envelope) Deixe-me ver isso!

(Harvele lê o conteúdo da carta e, à medida que progride, seu rosto ganha contornos de pavor)

Harvele – Céus!

Antoine – O que foi? O que eles querem?

Harvele – (enxugando o suor da testa) Minha cabeça!

Antoine – Como?

Harvele – Etiènne... Etiènne Blanc!

Antoine – Mas esse não é o dono do tal jornal*?*

Harvele – O próprio!

Antoine – O que ele quer? **(de súbito)** Não me diga que...

Harvele – Ele quer esclarecimentos acerca da construção do teatro!

Antoine – Isso é sério?

Harvele – Seríssimo!

Antoine – (procurando uma saída) Então... Então... Enrole o homem o máximo que o senhor puder... Quem sabe ele desiste!

Harvele – Difícil! Aquele lá não vai largar o osso assim tão fácil. Lembra o que aconteceu ao Sr. Malboux? Teve um mal súbito e morreu duro de tanto que foi perseguido pelo Sr. Blanc. Isso porque ele só tinha demitido uns dois ou três operários, imagine então o que pode acontecer se ele souber o que fizemos para erguer este monumento!

Antoine – (fazendo o sinal da cruz) Deus o livre! O senhor pode enganá-lo... Quem sabe fingir que viajou a negócios?

Harvele – Não, não, não... Aquele lá é esperto, ele vai perceber o truque! Mas talvez eu possa dizer que estarei muito ocupado devido aos preparativos da inauguração... Toda a cidade sabe que foram mobilizados centenas de construtores e milhões de francos para levantar essa maravilha.

Antoine – Sabe que o senhor tem razão, assim podemos "cozinhar" o homem por mais tempo.

Harvele – Ele deve aparecer por esses dias, se perguntar por mim, diga que eu não estou disponível. Talvez assim ele se sinta convidado a se retirar!

Antoine – E se ainda assim ele quiser ficar e esperar?

Harvele – Ele vai ficar e esperar até criar raiz porque eu não o recebo, não o recebo, não o recebo!

(Phill entra, examina o espaço com curiosidade)

Phill – Sr. Harvele?

(Antoine se retira)

Harvele – Sr. Philips? Venha... Se aproxime, por favor...

(Cumprimentam-se)